

“O país fica futebol”: contributos para uma historiografia

Francisco Pinheiro

Universidade de Coimbra

Resumo

Este capítulo propõe um alargamento temático da historiografia do futebol português, dando continuidade a uma análise anterior centrada nas formas e enquadramentos metodológicos dominantes. Se a escrita histórica sobre o futebol em Portugal tem sido marcada por narrativas cronológicas, matriz jornalística e reduzida problematização conceptual, importa agora interrogar os temas privilegiados e os silêncios persistentes. A partir de um conjunto alargado de obras publicadas nas últimas décadas, organiza-se uma leitura estruturada em eixos temáticos – futebol e política, identidade nacional, cidade e território, clubes e instituições, biografias, corrupção, adeptos, migrações, media, género e desafios das humanidades digitais. O objetivo é compreender como estes temas foram integrados na produção historiográfica e de que modo podem contribuir para o aprofundamento da história social do futebol em Portugal.

Palavras-chave: historiografia; futebol; identidade; cultura; política.

Abstract

This chapter proposes a thematic expansion of Portuguese football historiography, following a previous analysis focused on dominant forms and methodological frameworks. While historical writing on football in Portugal has been largely shaped by chronological narratives, journalistic influence and limited conceptual problematization, it is now crucial to examine the themes privileged and the silences that persist. Drawing on a broad set of works published in recent decades, the chapter is structured around thematic axes – football and politics, national identity, city and territory, clubs and institutions, biographies, corruption, supporters, migration, media, gender, and the challenges posed by digital humanities. The aim is to assess how these themes have been incorporated into existing historiography and how they may contribute to deepening the social history of football in Portugal.

Keywords: historiography; football; identity; culture; politics.

Introdução

Este capítulo surge em linha de continuidade com o artigo “Futebol português, uma historiografia”, publicado nesta mesma coleção em 2025 no livro *Ciências Sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas*, coordenado por Carmen Rial, Fábio Machado Pinto, Liber Benítez e Luiz Carlos Rigo. Nesse primeiro trabalho sobre a historiografia do futebol português analisaram-se sete obras de referência, dedicadas à história da modalidade, publicadas entre 1938 e 2023. Identificaram-se continuidades estruturais na escrita histórica sobre o futebol português, nomeadamente a predominância de uma narrativa cronológica, o peso da matriz jornalística, a recorrente defesa de isenção face à “clubite” e a quase exclusiva masculinização da autoria e do objeto. Esse exercício de análise historiográfica permitiu compreender como se construiu, ao longo de quase um século, um determinado modo de fazer história do futebol em Portugal.

A presente reflexão assume-se, assim, como continuidade direta desse diagnóstico historiográfico, mas desloca o foco da análise estrutural das obras para o alargamento temático do campo. Se o primeiro momento incidiu sobre a forma, a autoria e os enquadramentos metodológicos dominantes, importa agora interrogar os temas privilegiados, os silêncios persistentes e as novas frentes de investigação que se foram abrindo – ou que permanecem por explorar – na produção historiográfica dedicada ao futebol português. Partindo de um conjunto alargado de obras publicadas nas últimas décadas, este capítulo propõe uma análise organizada por eixos temáticos: futebol e política, identidade nacional, cidade e território, história de clubes e instituições, biografias, corrupção, adeptos e cultura emocional, migrações, media, género e, mais recentemente, os desafios colocados pelas humanidades digitais e pela inteligência artificial (IA). O objetivo não é proceder a um inventário exaustivo, mas compreender como estes temas foram integrados (ou marginalizados) na historiografia existente e de que modo podem contribuir para um aprofundamento da história social do futebol em Portugal. Deste modo, a continuidade entre capítulos reside

numa mesma preocupação epistemológica: compreender não apenas o que se escreveu sobre o futebol português, mas também como se escreveu e, sobretudo, o que permanece por problematizar. Se o futebol constitui, como sugerem Elias e Dunning (1992), uma via privilegiada para a compreensão das sociedades contemporâneas, então a expansão temática da sua historiografia não é apenas desejável, mas necessária para o amadurecimento do campo no âmbito das Humanidades e Ciências Sociais.

Recordamos as palavras do poeta português Alexandre O'Neill (2004, p. 157-158), que no texto “Neuropeu de futebol” sublinhou que “enfim, o país fica futebol. É grave? Não é grave? Sei lá. Verifico, apenas, que é assim por toda a parte”. Esta constatação da popularidade do futebol na sociedade portuguesa é reforçada, em grande medida, pela vasta produção historiográfica dedicada ao tema e compilada (em jeito de catálogo bibliográfico) na obra *Desportos & letras: exposição bibliográfica*, organizada pela Biblioteca Nacional em 2004, por altura do Campeonato da Europa de Futebol, disputado em Portugal. Não pretendemos aqui analisar as centenas de entradas sobre futebol referidas nesta obra, distribuídas por manuscritos e impressos (monografias e publicações periódicas). O objetivo aproxima-se de um exercício de meta-história temática, centrado na problematização dos eixos analíticos dominantes e na identificação de silêncios estruturais, mais do que de um inventário bibliográfico sistemático.

A análise privilegia uma leitura transversal das obras seleccionadas, procurando identificar tendências interpretativas, deslocamentos conceptuais e lacunas persistentes na abordagem ao futebol enquanto fenómeno social total. Não se trata apenas de mapear temas, mas de compreender como estes foram enquadrados, hierarquizados ou marginalizados no interior do campo historiográfico, bem como de sinalizar possibilidades de aprofundamento futuro. Como alerta Robert E. Rinehart (2006, p. 190), no artigo “Beyond Traditional Sports Historiography”, “os historiadores, como qualquer outro escritor, constroem os seus próprios universos narrativos”. Esses “modos de representação” dependem, em larga medida, da riqueza das fontes, do interesse do historiador, da profundidade das questões

que suscitam novas interrogações, da presumível audiência ou mesmo de certas restrições tidas como pseudológicas (Rinehart, 2006, p. 190).

A presente análise centra-se sobretudo nas narrativas tradicionais em torno do futebol português, produzidas maioritariamente nas últimas décadas (final do século XX e século XXI), afastando-se das chamadas narrativas “não tradicionais”, tal como definidas por Sparkes ao referir-se, por exemplo, às “representações poéticas”, aos “etnodramas” ou às “representações ficcionais” (Sparkes, *apud* Rinehart, 2006, p. 193). Os eixos temáticos que estruturam este capítulo – futebol e política, identidade nacional, cidade e território, clubes e instituições, biografias, corrupção, adeptos e cultura emocional, migrações, media, género e os desafios das humanidades digitais – não são apresentados como compartimentos estanques, mas como campos de interseção que permitem observar o futebol enquanto fenómeno social complexo. A sua análise procura evidenciar de que modo a historiografia portuguesa tem privilegiado determinadas dimensões – frequentemente institucionais e narrativas – em detrimento de abordagens mais centradas em dinâmicas sociais, culturais e transnacionais. Trata-se, assim, de um contributo para “a historiografia da ‘época contemporânea’” (Torgal, 2011, p. 12), enfocando-se em obras e estudos representativos do futebol português – não uma análise exaustiva (nem o poderia ser num capítulo de livro), mas representativa e exploradora de diferentes temáticas e preocupações epistemológicas.

Poder e nação

A relação entre futebol, poder político e construção da identidade nacional constitui um dos eixos mais recorrentes na historiografia do futebol português. Desde os estudos dedicados ao Estado Novo e à instrumentalização simbólica da modalidade, até as obras centradas na Seleção Nacional, na dimensão colonial ou nos escândalos de corrupção, o futebol surge frequentemente como espelho da nação e palco privilegiado das disputas de poder. Contudo, apesar da diversidade temática, verifica-se uma tendência

persistente para abordagens de carácter narrativo e episódico, centradas em figuras, momentos e casos mediáticos, em detrimento de análises estruturais que articulem instituições, dinâmicas culturais e processos de construção identitária em perspetiva comparada e de longa duração. É neste desfasamento entre abundância temática e insuficiente densidade analítica que importa situar criticamente este eixo “poder e nação”.

A produção académica mais recente tem procurado complexificar a relação entre futebol e Estado Novo, afastando-se da leitura linear da modalidade como mero instrumento de propaganda do regime. A tese doutoral de Rahul Kumar (2014), ao sublinhar a autonomia relativa do campo desportivo e ao questionar a ideia de que o desenvolvimento do futebol tenha sido promovido pelo poder político, desloca a análise para a dinâmica interna da institucionalização da modalidade e para a sua inscrição na cultura popular urbana. De igual modo, os trabalhos de Ricardo Serrado (2009; 2012) relativizam a tese da instrumentalização, defendendo que o regime, marcado por uma matriz ideológica ruralista e moralizante, terá antes procurado conter ou retardar a profissionalização e a massificação do futebol-espetáculo. Já a investigação biográfica realizada por Pedro Serra (2017), centrada na figura do guarda-redes internacional António Roquete – mais tarde agente da PIDE-Polícia Internacional e de Defesa do Estado –, introduz uma perspetiva distinta, evidenciando as interseções entre celebridade desportiva, aparelho repressivo e trajetórias sociais no interior do regime. De teor mais jornalístico, num registo de “reportagem do tempo presente”, na aceção de Torgal (2011, p. 12), surge a obra de António Simões, *Desporto com política* (2011), na qual o futebol ocupa lugar central na análise do período contemporâneo português. O livro congrega um vasto conjunto de episódios que evidenciam as interseções entre futebol, cultura popular e poder político, propondo uma leitura do fenómeno desportivo integrada numa realidade social e política mais ampla. Contudo, a abordagem privilegia a narrativa de casos e conjunturas, em detrimento de uma problematização estrutural das dinâmicas institucionais e dos mecanismos de poder que sustentam essas relações.

Em conjunto, estes estudos contribuíram para tornar menos simplista a leitura da relação entre futebol e poder político. Ainda assim, a análise permanece fortemente ancorada na questão da instrumentalização – ainda que para a negar ou relativizar – e tende a privilegiar figuras, casos e enquadramentos discursivos, deixando em segundo plano o exame das estruturas institucionais, dos modelos de governação desportiva e das continuidades de longa duração entre o período ditatorial e o pós-1974.

A dimensão colonial e racial tem igualmente vindo a ganhar maior densidade na historiografia do futebol português, introduzindo categorias analíticas que ultrapassam o eixo estritamente político-institucional. A tese de Pedro Sousa de Almeida (2019) desloca o debate para a articulação entre futebol, raça e construção da nação, demonstrando como as culturas futebolísticas em Portugal naturalizam fronteiras simbólicas da portugalidade e perpetuam a ideia de uma identidade nacional não multirracial. Por meio da análise crítica das narrativas associadas ao Sport Lisboa e Benfica e à Associação Académica de Coimbra, o autor evidencia a persistência de dispositivos ideológicos ancorados no passado colonial e na tese da excecionalidade portuguesa, sublinhando o papel dos media na reprodução desses discursos. Por seu lado, o trabalho de Nuno Domingos (2012), centrado no futebol em Lourenço Marques na primeira metade do século XX, inscreve a modalidade no quadro mais amplo das hierarquias coloniais, das dinâmicas urbanas e das clivagens raciais e sociais, revelando como o jogo se tornou espaço de negociação, distinção e conflito entre elites coloniais, mestiças e classes trabalhadoras africanas. Em conjunto, esses dois estudos representam um avanço significativo ao integrar o futebol na história colonial e pós-colonial portuguesa. Ainda assim, a incorporação sistemática das categorias de raça, racismo e colonialismo permanece relativamente circunscrita a investigações específicas, não tendo ainda produzido uma reconfiguração mais abrangente do campo historiográfico do futebol em Portugal.

A transição para o período democrático não significou uma rutura radical na articulação entre futebol, poder e identidade nacional. Pelo

contrário, o pós-1974 assistiu à reconfiguração das formas de instrumentalização simbólica da modalidade, agora inscritas num quadro mediático ampliado e numa economia desportiva progressivamente globalizada. Se o Estado Novo procurou enquadrar o futebol num discurso moralizante e disciplinador, a democracia mediatizada transformou-o em palco privilegiado de legitimação política, projeção internacional e mobilização emocional.

A Seleção Nacional constitui, neste contexto, um objeto historiográfico central. Obras dedicadas à equipa das “quinas” – como *Portugal, a equipa de todos nós* (Coelho, 2001); *A nossa Seleção em 50 jogos* (Coelho; Pinheiro, 2004); *Cinco escudos azuis* (Melo, 2021); *100 anos, 100 nomes, 100 momentos* (Madureira; Rodrigues, 2022) ou *Almanaque da Seleção* (Tovar, 2018), entre outros – tendem a inscrever a história da Seleção numa narrativa cumulativa, celebratória e frequentemente teleológica. O Mundial de 1966 surge como mito fundador moderno; o Euro 2004, como momento de afirmação organizativa; o Euro 2016, como consagração histórica. A estrutura narrativa privilegia campanhas, jogos e protagonistas, consolidando uma memória coletiva que associa sucesso desportivo a momentos de coesão nacional. Contudo, a problematização conceptual desta relação permanece limitada. A Seleção é frequentemente tratada como expressão natural da nação, e não como construção simbólica historicamente situada. A própria designação “equipa de todos nós” (popularizada pelo jornalista Ricardo Ornelas, nos anos 40 e 50 do século XX) revela um dispositivo discursivo que apaga tensões regionais, sociais e étnicas em nome de uma comunidade imaginada. A historiografia tende a reproduzir essa retórica agregadora, raramente interrogando quem fica fora dessa narrativa ou como se constroem os consensos identitários em torno da representação internacional. A universalização discursiva da Seleção enquanto comunidade indivisa apaga conflitos de classe, clivagens regionais e assimetrias raciais que atravessam o campo futebolístico português.

A dimensão da corrupção e dos escândalos mediáticos introduz outro ângulo relevante nesse eixo. Casos como o livro *Apito Dourado* (Melo,

2010), bem como as obras *Os senhores do futebol* (Catarro, 2008), *Rui Pinto: o hacker que abalou o mundo do futebol* (Pinto, 2023) ou *Mentiras Futebol Clube* (Santos, 2016), inscrevem o futebol português num quadro de suspeição estrutural. A narrativa centra-se, muitas vezes, em protagonistas específicos, revelações documentais e conflitos judiciais, aproximando-se do registo jornalístico. Ainda assim, esses episódios expõem redes de influência que atravessam clubes, autarquias, federação, agentes e media, evidenciando que o futebol constitui também espaço de reprodução de elites e de circulação de capitais simbólicos e económicos. A historiografia tem, porém, oscilado entre duas tendências: ou enfatiza o escândalo como exceção moral num sistema supostamente saudável, ou o trata como sintoma generalizado sem proceder à análise estrutural dos mecanismos de governação desportiva. Permanece relativamente pouco explorada a articulação entre modelo associativo, financiamento público, dependência mediática e concentração de poder nos clubes dominantes. A corrupção surge como episódio, mais do que como objeto de história institucional comparada.

O eixo “poder e nação” ganha ainda densidade quando articulado com processos de globalização. A projeção internacional de jogadores portugueses – de Eusébio a Cristiano Ronaldo – reforçou a dimensão diplomática e económica do futebol. A figura do atleta-celebridade global tornou-se embaixador informal do país, incorporando narrativas de mérito individual, mobilidade social e excelência nacional, conforme se verifica em obras como *Eusébio como nunca se viu* (Simões, 2014) ou *Cristiano Ronaldo: as histórias que faltavam* (Tovar, 2023). Todavia, essa personificação tende a obscurecer as estruturas formativas, os circuitos transnacionais de transferência e os interesses económicos subjacentes. A nação é representada por meio do indivíduo excecional, reforçando uma leitura meritocrática que raramente questiona as assimetrias do sistema.

A persistência da matriz narrativa, centrada em heróis, momentos decisivos e conflitos espetaculares, revela uma continuidade profunda na escrita da história do futebol português. Mesmo quando o objeto se desloca

para o Estado, a corrupção ou a Seleção, a lógica episódica mantém-se dominante. A análise estrutural – envolvendo economia política do desporto, modelos de governação federativa ou comparações internacionais – permanece incipiente. Assim, o eixo “poder e nação” evidencia uma tensão central: por um lado, o futebol é reconhecido como fenómeno político de primeira ordem; por outro, a historiografia tende a abordá-lo por meio de narrativas que privilegiam acontecimentos e protagonistas, em detrimento de processos e estruturas. A abundância temática contrasta, portanto, com uma relativa fragilidade conceptual. O desafio futuro consiste em deslocar o olhar da instrumentalização para a institucionalização, da metáfora nacional para os mecanismos concretos de produção de poder no interior do campo futebolístico.

Espaço e pertença

A relação entre futebol, espaço e pertença constitui um eixo fundamental para compreender a dimensão social e cultural da modalidade. Por “espaço” entende-se aqui não apenas a dimensão geográfica da implantação do futebol, mas também os contextos urbanos e institucionais que moldam a sua prática e organização; “pertença”, por sua vez, remete aos processos de identificação coletiva que ligam indivíduos e comunidades a clubes, cidades ou regiões. Nesse sentido, o futebol pode ser entendido como um dos dispositivos pelos quais se constroem comunidades imaginadas (Anderson, 1983) e se produzem formas de ligação simbólica aos lugares e territórios (Tuan, 1977). Desde as primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento do futebol em Portugal esteve profundamente ligado às dinâmicas urbanas, aos processos de construção identitária local e à afirmação institucional dos clubes. A difusão da modalidade não se fez de forma homogénea pelo território, consolidando-se sobretudo em contextos urbanos, onde a densidade populacional, as redes associativas e a presença de imprensa desportiva favoreceram a sua expansão. A própria cronologia da institucionalização regional do futebol evidencia essas assimetrias:

distritos como Guarda (1940) e Viana do Castelo (1971)¹ foram os últimos a constituir associações de futebol, revelando a implantação mais tardia da modalidade em algumas regiões do interior e do noroeste do país. Neste contexto, cidade, clube e comunidade surgem frequentemente entrelaçados na produção de identidades coletivas e de fortes sentimentos de pertença que ultrapassam o mero fenómeno desportivo.

É neste quadro de relação entre espaço e pertença que a cidade assume um papel central na difusão e consolidação do futebol em Portugal. Desde as primeiras décadas do século XX, os principais centros urbanos funcionaram como polos de institucionalização da modalidade, concentrando clubes, infraestruturas, imprensa e públicos, tornando-se lugares privilegiados de construção de identidades futebolísticas locais. Obras como *História do futebol em Lisboa* (Dias, Marina, 2000), *O futebol no Porto* (Dias, Manuel, 2001) e *Uma cidade de futebol* (Catrica *et al.*, 2004) analisam precisamente essa relação entre futebol e espaço urbano. No caso de Lisboa, a evolução da modalidade é acompanhada desde o seu surgimento, em 1888, até a construção dos grandes estádios da década de 1950, evidenciando a transformação do futebol de prática inicialmente associada às elites num fenómeno progressivamente popular, em paralelo com o crescimento demográfico da cidade e a expansão suburbana. Para o Porto, o estudo da modalidade sublinha o pioneirismo da sua introdução no final do século XIX, destacando a influência da colónia inglesa, a rápida adesão da população portuense e o papel organizativo dos clubes – em particular do FC Porto – na consolidação do futebol como prática social urbana. Já *Uma cidade de futebol* propõe uma abordagem distinta, centrada na relação entre futebol e fotografia, tratando o jogo como “um campo intenso de emoções, de especulação, de teorias construídas ao momento e de fácil entendimento” (Catrica *et al.*, 2004, p. 17) e procurando captar, por

1 A Associação de Futebol de Viana do Castelo foi fundada em 1923, e durante 20 anos organizou o Campeonato Regional de Viana do Castelo. No entanto, suspendeu suas atividades em 1943, retomando somente em 1971.

meio da imagem, a presença do futebol na vida urbana lisboeta ao longo do século XX. Em conjunto, essas obras evidenciam a forma como o futebol se inscreveu profundamente no tecido urbano das principais cidades portuguesas, acompanhando transformações demográficas, sociais e culturais e contribuindo para a construção de identidades locais fortemente associadas aos clubes e aos espaços da cidade.

A relação entre futebol, espaço e pertença não se manifesta apenas na dimensão urbana, mas também nas estruturas institucionais que organizaram a modalidade. Muitos dos principais clubes portugueses surgiram profundamente ligados às cidades que os acolheram, tornando-se referências identitárias locais e regionais. Paralelamente, a criação das associações distritais de futebol – constituídas entre 1910 e 1971 – e da Federação Portuguesa de Futebol (fundada em 1914) contribuiu para estruturar territorialmente a prática da modalidade, consolidando redes organizativas que articularam clubes, competições e comunidades.

A historiografia institucional do futebol português é particularmente visível nas obras dedicadas à história dos grandes clubes nacionais. Estudos sobre SL Benfica, FC Porto ou Sporting CP tendem a privilegiar narrativas cronológicas centradas na evolução desportiva e institucional, frequentemente associadas a efemérides ou a celebrações comemorativas. Entre os trabalhos mais influentes destacam-se as fotobiografias de Rui Guedes sobre os “três grandes”, publicadas em 1987, bem como os estudos de Rodrigues Teles sobre o FC Porto (1933; 1954), a extensa obra de Eduardo Azevedo sobre o Sporting CP (1967) ou *Benfica, 90 anos de glória: 1904–1994*, assinada por quatro autores ligados ao clube (1994). Fora da esfera dos chamados “três grandes”, existe uma vasta produção historiográfica de perfil local e regional dedicada a diferentes clubes do futebol português. Ainda assim, poucas obras atingiram a profundidade investigativa de *Académica: história do futebol* (Santana; Mesquita, 2007) ou *AFC – Académico Futebol Clube* (Pacheco, 2011), que se destacam pelo recurso a fontes documentais diversificadas e por uma abordagem mais sistemática à história institucional dos clubes.

Para além da história dos clubes, a organização institucional do futebol português tem sido também abordada por meio de estudos dedicados às associações distritais e à Federação Portuguesa de Futebol (FPF). Estas estruturas desempenharam um papel decisivo na regulamentação das competições, na articulação entre clubes e na consolidação territorial da modalidade ao longo do século XX. Embora menos frequentes na produção historiográfica do que as obras de perfil clubístico, os estudos sobre essas instituições permitem compreender melhor os mecanismos organizativos que sustentaram a expansão do futebol em Portugal. Nesse âmbito, destacam-se os trabalhos sobre a FPF (Parreirão, 1989) e sobre as associações distritais de futebol de Lisboa (Correia, 2010), Porto (Sousa *et al.*, 2017) ou Coimbra (Pinheiro; Calado, 2022; 2023; 2024), entre outros.

A dimensão da pertença manifesta-se igualmente nas culturas de adeptos e nas formas de sociabilidade associadas ao futebol. A socióloga Salomé Marivoet, em *Aspetos sociológicos do desporto* (1998), aborda o fenómeno do futebol a partir da análise das práticas e comportamentos dos adeptos, sublinhando a centralidade do jogo enquanto espaço de sociabilidade e construção identitária. Por seu lado, o antropólogo Daniel Seabra, em *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades* (2018), propõe uma abordagem etnográfica ao universo das claques em Portugal, tomando como ponto de observação privilegiado as claques da cidade do Porto. A investigação enquadra essas formas de apoio organizado na história das claques portuguesas, relacionando-as com influências internacionais como o movimento ultra italiano e o hooliganismo.

A dimensão transnacional do futebol português tem sido igualmente explorada por meio de estudos dedicados às migrações e às relações internacionais no universo futebolístico. A obra coletiva *A bola ao ritmo de fado e samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol* (2013), publicada por ocasião do centenário dos primeiros jogos entre Portugal e Brasil, reúne 25 autores portugueses e brasileiros em 22 capítulos que analisam diferentes dimensões destas relações históricas. Entre os temas abordados destaca-se a migração de futebolistas brasileiros para Portugal, analisada

por Carlos Nolasco, cuja investigação culminaria na tese de doutoramento *Fintar fronteiras: migrações internacionais no futebol português* (2013), dedicada precisamente ao estudo dos fluxos migratórios no futebol. A dimensão internacional do fenómeno é ainda aprofundada em *Seguindo a bola* (Cleveland, 2022), estudo que examina o papel social e desportivo dos futebolistas africanos no contexto do império colonial português e das suas ligações ao futebol metropolitano.

Em conjunto, esses estudos evidenciam como o futebol em Portugal se estruturou a partir de múltiplas escalas de espaço e pertença. Cidades, clubes, instituições e comunidades de adeptos contribuíram para consolidar identidades locais e regionais fortemente associadas à modalidade. Ao mesmo tempo, as migrações de jogadores e as relações internacionais mostram que essas pertenças se constroem em diálogo constante com dinâmicas transnacionais.

Representação, mediação e novos olhares

Para além das dimensões territoriais e institucionais que estruturam o futebol português, a historiografia da modalidade tem igualmente explorado as formas como o jogo é representado, narrado e mediado na esfera pública. Livros biográficos, estudos sobre a imprensa desportiva e investigações recentes dedicadas a novos objetos de análise revelam como o futebol é também um campo de produção simbólica, no qual se constroem narrativas, memórias e identidades coletivas. Por meio dessas diferentes formas de mediação – desde a figura do herói desportivo até a narrativa jornalística ou a emergência de novos temas como o futebol feminino – torna-se possível compreender de que modo o futebol ultrapassa o espaço estritamente desportivo, afirmando-se como fenómeno cultural e social de ampla ressonância.

Uma das formas mais recorrentes de representação do futebol na produção editorial portuguesa é a biografia desportiva. Por meio de figuras individuais – jogadores, treinadores ou dirigentes – essas obras narram

a história da modalidade, associando-a a trajetórias pessoais que se tornam emblemáticas de determinados clubes, épocas ou contextos sociais. Exemplos dessa tendência encontram-se em obras dedicadas a figuras como Fernando Peyroteo, Cândido de Oliveira, Eusébio, Pinto da Costa, Paulo Futre ou Jorge Jesus, bem como em biografias mais recentes de protagonistas do futebol globalizado, como Cristiano Ronaldo ou o empresário Jorge Mendes. Em muitos casos, essas narrativas estendem-se também a protagonistas internacionais ligados ao futebol português, como Jardel, Deco ou Luiz Felipe Scolari. Frequentemente estruturadas em torno de percursos individuais e momentos marcantes das carreiras desportivas, essas obras tendem a privilegiar narrativas cronológicas centradas na trajetória dos protagonistas, contribuindo para a construção de memórias públicas associadas ao futebol.

Para além das biografias desportivas, o futebol tem sido igualmente analisado por meio de estudos dedicados à imprensa desportiva, que durante grande parte do século XX funcionou como um dos principais mediadores entre o jogo e o público. Jornais especializados, como *A Bola* ou *Record* (fundados na década de 1940), desempenharam um papel central na construção das narrativas públicas do futebol, não apenas relatando acontecimentos desportivos, mas também contribuindo para a formação de memórias coletivas, rivalidades clubísticas e representações sociais associadas à modalidade. Precisamente estes dois jornais publicaram, por ocasião do cinquentenário da sua fundação (*A Bola*, em 1995; *Record*, em 1999), obras dedicadas à análise da sua própria trajetória e da relação histórica com o futebol e o desporto. Essa ligação entre imprensa e futebol foi igualmente analisada em *História da imprensa desportiva em Portugal*, obra de Francisco Pinheiro (2011), que estuda 940 jornais publicados entre 1875 e 2000, muitos deles dedicados ao futebol.

A historiografia do futebol português começou também, mais recentemente, a integrar abordagens centradas no género e na participação das mulheres na modalidade. A obra *História do futebol feminino: a grande aventura portuguesa* (Caiado, 2024) constitui uma das primeiras

abordagens sistemáticas à trajetória do futebol jogado por mulheres em Portugal, acompanhando a evolução da modalidade desde os seus primórdios – marcados por resistência social e institucional – até a sua progressiva consolidação no quadro competitivo nacional e internacional. Uma abordagem complementar pode ser encontrada em *Futebol português: política, género e movimento*, de Nina Clara Tiesler e Nuno Domingos (2012), obra que inclui vários capítulos dedicados à relação entre mulheres e futebol. Entre os temas analisados destacam-se os discursos mediáticos sobre os corpos das jogadoras, as tensões históricas que marcaram o desenvolvimento do futebol de mulheres em Portugal e as migrações de futebolistas portuguesas para contextos internacionais.

A incorporação de novas perspectivas analíticas – como os estudos de género – revela o progressivo alargamento temático da historiografia do futebol português, ainda relativamente tardio quando comparado com outros contextos internacionais de investigação nesse campo. Paralelamente, as transformações tecnológicas e a crescente digitalização de arquivos e bases de dados começam também a abrir novas possibilidades metodológicas para o estudo histórico da modalidade. Nesse contexto, o estudo histórico do futebol português enfrenta novos desafios e oportunidades. A digitalização crescente de arquivos, a sistematização de novos arquivos, a possibilidade de análise de grandes bases de dados da imprensa e o desenvolvimento das humanidades digitais abrem caminhos promissores para a investigação. Ao mesmo tempo, essas ferramentas colocam novos desafios metodológicos, nomeadamente no que respeita aos riscos de automatização interpretativa associados ao uso de inteligência artificial (IA). Paralelamente, persistem lacunas importantes na historiografia da modalidade, particularmente no estudo de temas como o racismo, as identidades de género, as comunidades LGBTQIAPN+ ou a presença e representação de jogadores negros no futebol português. A exploração dessas dimensões constitui um campo de investigação ainda em aberto e fundamental para o desenvolvimento da história do futebol português.

Considerações finais

A análise desenvolvida neste capítulo evidencia algumas tendências estruturais na historiografia do futebol português. Apesar do crescimento da produção editorial dedicada ao tema, persiste uma forte predominância de narrativas cronológicas e institucionais, frequentemente centradas em clubes, competições e protagonistas individuais, refletindo a influência duradoura da matriz jornalística na escrita da história da modalidade.

Ao mesmo tempo, observa-se um progressivo alargamento temático do campo, com a incorporação de abordagens dedicadas às relações entre futebol e poder político, às identidades coletivas, às dinâmicas urbanas, às culturas de adeptos ou às migrações internacionais. Mais recentemente, temas como o género ou o futebol praticado por mulheres começam também a ganhar visibilidade na investigação.

Persistem, contudo, lacunas importantes, nomeadamente no estudo de questões como o racismo ou as identidades LGBTQIAPN+, assim como na reflexão sobre o impacto da inteligência artificial neste campo epistemológico. Paralelamente, a digitalização de arquivos e o desenvolvimento das humanidades digitais abrem novas possibilidades metodológicas para a investigação histórica, ainda que coloquem igualmente desafios interpretativos. O aprofundamento da história social do futebol em Portugal dependerá, assim, da capacidade de ampliar temas, fontes e métodos de investigação.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Pedro Sousa de. *Futebol, raça e nação em Portugal*. Tese de Doutoramento (Democracia no Século XXI), Universidade de Coimbra, 2019.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983.

AZEVEDO, Eduardo. *História e vida do Sporting Clube de Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Sporting Clube de Portugal, 1967.

BIBLIOTECA NACIONAL (org.). *Desportos & Letras*: exposição bibliográfica. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004.

CAIADO, Mary. *História do futebol feminino*: a grande aventura portuguesa. Lisboa: Cultura, 2024.

CATARRO, Paulo. *Os senhores do futebol*: nos bastidores do desporto rei. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.

CATRICA, Paulo. O futebol joga-se no campo. In: CATRICA, Paulo *et al.* (orgs.). *Uma cidade de futebol*. Lisboa: Arquivo Fotográfico Municipal/Assírio & Alvim, 2004.

CATRICA, Paulo *et al.* (orgs.). *Uma cidade de futebol*. Lisboa: Arquivo Fotográfico Municipal/Assírio & Alvim, 2004.

CLEVELAND, Todd. *Seguindo a bola*: a importância dos futebolistas africanos no império colonial português. Lisboa: Livros FPF, 2022.

COELHO, João Nuno. *Portugal, a equipa de todos nós*. Porto: Afrontamento, 2001.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco. *A paixão do povo*: história do futebol em Portugal. Porto: Afrontamento, 2002.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco. *A nossa Selecção em 50 jogos*: 1921-2004. Porto: Afrontamento, 2004.

CORREIA, Fernando. *100 anos de futebol da Associação de Futebol de Lisboa*. Lisboa: Livros d'Hoje, 2010.

DIAS, Manuel. *O futebol no Porto*. Porto: Campo das Letras, 2001.

DIAS, Marina Tavares. *História do futebol em Lisboa*: de 1888 aos grandes estádios. Lisboa: Quimera, 2000.

DOMINGOS, Nuno. *Futebol e colonialismo*: corpo e cultura popular em Moçambique. Lisboa: ICS, 2012.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Difel, 1992.

GUEDES, Rui. *Fotobiografia do FC Porto*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

GUEDES, Rui. *Fotobiografia do SL Benfica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

GUEDES, Rui. *Fotobiografia do Sporting CP*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

KUMAR, Rahul M. *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*. Tese de Doutoramento (Sociologia), Universidade de Lisboa, 2014.

MADUREIRA, Nuno; RODRIGUES, Berta. *100 anos, 100 nomes, 100 momentos: a história e as histórias da Seleção Nacional*. Lisboa: FPF, 2022.

MARIVOET, Salomé. *Aspetos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

MELO, Afonso de. *Apito Dourado: as entranhas do polvo*. Lisboa: Zebra, 2010.

MELO, Afonso de. *Cinco escudos azuis: – 100 anos de história da Seleção Nacional de Futebol*. Lisboa: Âncora, 2021.

MORAIS, António Manuel; PERDIGÃO, Carlos; LOUREIRO, João; SANTOS, José de Oliveira. *Benfica, 90 anos de glória: 1904–1994*. Lisboa: SLB, 1994.

NOLASCO, Carlos. *Fintar fronteiras: migrações internacionais no futebol português*. Tese de Doutoramento (Sociologia), Universidade de Coimbra, 2013.

O'NEILL, Alexandre. Neuropéu de futebol. In: O'NEILL, Alexandre; ROSA, Vasco (org.). *Coração Acordeão*. Lisboa: O Independente, 2004. p. 157–158.

PACHECO, Helder. *AFC – Académico Futebol Clube: um século na vida portuense, ao serviço do desporto*. Porto: Afrontamento, 2011.

PARREIRÃO, Henrique. 1989. *Os Anos de Diamante no 1.º Centenário do Futebol Português: 1914–1989*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 1989.

PINHEIRO, Francisco. *História da imprensa desportiva em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2011.

PINHEIRO, Francisco; MELO, Victor Andrade (orgs.). *A bola ao ritmo de fado e samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol*. Porto: Afrontamento, 2013.

PINHEIRO, Francisco; CALADO, José. *Associação de Futebol de Coimbra: 100 anos de história*. v. 1 (1922–1950). Coimbra: AFC, 2022.

PINHEIRO, Francisco; CALADO, José. *Associação de Futebol de Coimbra: 100 anos de história*. v. 2 (1951–1990). Coimbra: AFC, 2023.

PINHEIRO, Francisco; CALADO, José. *Associação de Futebol de Coimbra: 100 anos de história*. v. 3 (1991–2022). Coimbra: AFC, 2024.

PINTO, Nuno Tiago. *Rui Pinto: o hacker que abalou o mundo do futebol*. Lisboa: Objectiva, 2023.

RECORD. *Livro do Cinquentenário: futebol*. Porto: ASA, 1999.

RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (orgs.). *Ciencias Sociales y fútbol: intercambio y perspectivas sudamericanas – Ciências Sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas sul-americanas*. Porto Alegre: ABA Publicações, 2025. (Série Futebol: cultura, política e sociedade).

RINEHART, Robert E. Beyond Traditional Sports Historiography. In: PHILLIPS, Murray G. (org.). *Deconstructing Sport History: A Postmodern Analysis*. Albany: SUNY Press, 2006. p. 181–202.

SANTANA, João; MESQUITA, João. *Académica: história do futebol*. Coimbra: Almedina, 2007.

SANTOS, Rui. *Mentiras Futebol Clube: esquemas, corrupção e interesses*. Lisboa: Matéria Prima, 2016.

SEABRA, Daniel Alves. *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades*. Porto: Afrontamento, 2018.

SERRA, Pedro M. C. *António Fernandes Roquete (1906–1995): um “ídolo” do desporto nas polícias políticas do Estado Novo*. Tese de Doutoramento (História Contemporânea), Universidade Nova de Lisboa, 2017.

SERRADO, Ricardo. *O jogo de Salazar: a política e o futebol no Estado Novo*. Lisboa: Casa das Letras, 2009.

SERRADO, Ricardo. *O Estado Novo e o futebol: terá Salazar impedido Eusébio de sair do país?* Lisboa: Prime Books, 2012.

SIMÕES, António. *História de 50 anos do desporto português*. Lisboa: A Bola, 1995.

SIMÕES, António. *Desporto com política nos 100 anos da República*. Lisboa: INCM, 2011.

SIMÕES, António. *Eusébio como nunca se viu*. Lisboa: Dom Quixote, 2014.

SOUSA, Fernando; MONTEIRO, Isilda; FERREIRA, Diogo; ROCHA, Ricardo. *A Associação de Futebol do Porto: uma instituição centenária*. Porto: CEPES/AF, 2017.

TELES, Rodrigues. *História do Foot-ball Club do Porto: 1906–1933*. Porto: O Porto Desportivo, 1933.

TELES, Rodrigues. *História do Futebol Clube do Porto: 1906–1954*. Porto: FCP, 1954.

TIESLER, Nina Clara; DOMINGOS, Nuno (orgs.). *Futebol português: política, género e movimento*. Porto: Afrontamento, 2012.

TORGAL, Luís Reis. Nota de apresentação. In: TORGAL, Luís Reis (org.). *Fazer História Contemporânea. Estudos do Século XX*, 11, p. 9–13, 2011.

TOVAR, Rui Miguel. *Almanaque da Seleção*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 2018.

TOVAR, Rui Miguel. *Cristiano Ronaldo: as histórias que faltavam*. Lisboa: Manuscrito, 2023.

TUAN, Yi-Fu. *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.